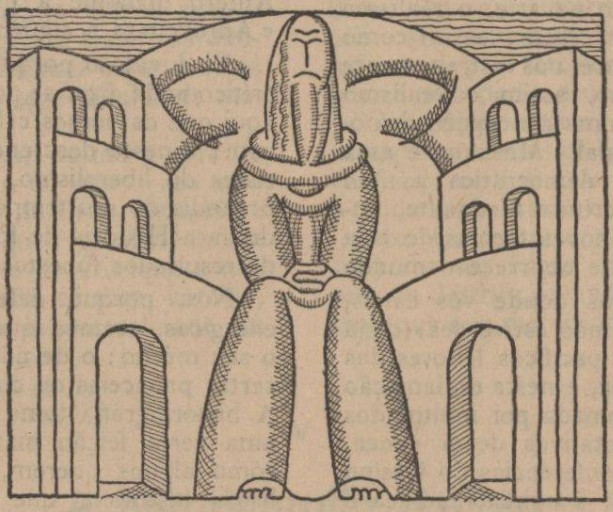
grafia, pois sintetiza na sua obra a situação em que se encontrava o mundo em que viveu, a sua carência de perspectivas, de solução racional para um sem número de problemas vitais. E' o vértice brilhante de uma pirâmide, que é todo um sistema, a ponte de passagem para uma nova concepção da história e do mundo.

Com Oliveira Martins poderemos considerar terminado na nossa historiografia um ciclo a que corresponde certo sistema económico, certa forma individualista de interpretar a história, sistema e forma já caducos por absoletos. De Fernão Lopes a Martins existe uma continuidade coerente e progressiva, o reflexo vivo da evolução social da nacionalidade, do seu porvir.

A obra dêstes historiadores vale mais como síntese luminosa de determinada época, como expoente da sua vida, do que como puro trabalho de erudição. São padrões que, como marcos miliários, atestam as pégadas deixadas no grande areal do tempo pelos eternos peregrinos, sempre ansiosos por formas de vida, sempre em busca do melhor. E' sôbretudo no alto significado social que está o seu grande valor.

Grandes historiadores nas épocas de intensa vida social, e fracos ou maus historiadores nos períodos de decadência e de menoridade intelectual.

Nunca um vil e mesquinho tema poderá inspirar a grande poéta, nem tôrvo e apagado período poderá favorecer a eclosão de grandes espíritos: e aqueles que, a-pesar-de tudo conseguem florescer, são, no dizer de Herculano, «... no meio dessa imensa noite inteligências que se alteiam como farois» e ligam «com os seus clarões, ás vezes bem ténues, a luz que foi com a luz que há-de ser». E' uma imortal marathona, em que o facho que simboliza o progresso e a liberdade humana, vai passando de mão em mão, uma vez com mais brilho e mais veloz, outras ardendo dèbilmente, mas sempre vivo e crepitante, alumiando as inteligências dos que nobremente anseiam pelo progresso humano.

JULIO DE MELO